

CORPO ESTRANHO NO MEMBRO TORÁCICO DE EQUINO.

Eduardo Gauss Griebeler¹; Bruna dos Santos de Suñe Moraes¹; Marco Aurélio Nunes Filho¹; Julio Netto Danielski¹; Mariana Andrade Mousquer¹; Carlos Eduardo Wayne Nogueira²

¹ Universidade Federal de Pelotas - duduggriebeler@hotmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – cewn@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

Devido ao comportamento ativo e de reações rápidas, o cavalo está predisposto a traumatismos, principalmente quando sua função está associada a atividades esportivas ou de tração. Além dos fatores ligados à sua natureza, as pastagens sujas, instalações precárias, ou práticas inadequadas de manejo realizadas pelo homem, podem ser consideradas fatores de risco a ocorrência de feridas traumáticas (PAGANELLA *et al*, 2009). A observância das necessidades do equino é uma forma de dar bem estar promovendo uma sanidade física e mental ao cavalo.

O aparelho locomotor dos equinos constitui o sistema de sustentação e da dinâmica locomotora, e traumas no mesmo pode causar danos irreversíveis ao cavalo, abordagens dessas lesões fazem parte da rotina do médico veterinário (OLIVEIRA, 2008). Estes problemas podem comprometer definitivamente o aproveitamento do animal para as diversas práticas esportivas, lazer, no potencial reprodutivo e interferir na qualidade de vida.

O presente trabalho tem como objetivo relatar um caso clínico de corpo estranho na falange proximal de um equino, com ênfase no diagnóstico diferencial e na cicatrização do tecido afetado.

2. RELATO DE CASO

Foi atendido no Hospital de Clínicas Veterinária, da Universidade Federal de Pelotas, um equino, macho, seis anos de idade, sem raça definida (SRD) e condição corporal grau 5, segundo escala (1-9), descrita por Henneke (1983). O animal foi apreendido pela Prefeitura Municipal da cidade de Pelotas por maus tratos, apresentando lesão no membro anterior esquerdo.

Na inspeção, apresentava um aumento de volume na região distal do membro anterior esquerdo (MAE). O exame clínico geral apresentava-se dentro dos padrões fisiológicos descritos para a espécie. No exame específico do membro afetado MAE, o animal não apresentava dor nem claudicação a passo, havia presença de tecido proliferativo na região da falange proximal. Foi observado também, duas fistulas, que drenavam secreção serosa sanguinolenta, além da presença de miíase.

Foi realizado exame radiológico, nas projeções: latero-medial (Figura 1) e dorso-palmar onde foi possível observar presença de um corpo estranho (fio de arame) envolto pela camada de tecido.



Figura 1. Raio X, vista latero-medial, sendo possível notar a presença do fio de arame próximo à articulação interfalangeana proximal.

Para a retirada do corpo estranho do membro, o animal foi encaminhado para procedimento cirúrgico, sendo sedado e mantido sob anestesia geral inalatória. O mesmo foi posicionado em decúbito lateral esquerdo para realização do procedimento cirúrgico. O membro afetado foi isolado com campos cirúrgicos estéreis, sendo então realizada antisepsia no local com iodopovidona 2% e álcool. A abordagem foi realizada através de uma pequena incisão na parte medial do membro afetado onde já havia uma fístula. O arame foi seccionado com auxílio de alicate estéril e tracionado para fora do tecido.

No pós-cirúrgico, como terapia local, optou-se pela limpeza da lesão com água e clorexidine 2%, e administração tópica de PVPI 1% nas fístulas. Após limpeza da ferida, era realizado fechamento da lesão com atadura. O tratamento sistêmico foi administração de fenilbutazona (2,2mg/kg, IV, SID), durante 5 dias. Foi feito acompanhamento diário da espessura da lesão, através do uso de fitas métricas, não havendo diferença entre o dia da chegada ao hospital veterinário e dia da alta hospitalar, o qual ocorreu após o 42º dia de internação.

3. DISCUSSÃO

Devido a grande ocorrência de lesões cutâneas e diferentes abordagens terapêuticas no processo de cicatrização, diversos estudos avaliaram a cicatrização da pele pelo interesse clínico, científico e econômico que tem dentre as lesões de equinos (HUSSINI *et al.*, 2004 e RIBAS *et al.*, 2005). Segundo Neto (2003), as feridas localizadas nas extremidades distais são em geral complicadas, pela falta de tecido de revestimento, má circulação, movimento articular, maior predisposição para contaminação e consequente infecção. No relato foi observado que a lesão inviabilizava a função desse cavalo, não permitindo que ele voltasse a alguma rotina de trabalho.

A possível explicação para a não cicatrização da ferida que envolvia o corpo estranho é porque o mesmo desencadeia uma infecção crônica, devido à produção bacteriana de biofilme. Este é formado quando bactérias colonizam e se fixam permanentemente a um substrato. O biofilme protege as bactérias da ação de antimicrobianos e dos mecanismos de defesa do organismo, o que dificulta a cicatrização até o corpo estranho ser removido (JAMES *et al.*, 2008).

Para detectar a presença de corpo estranho em determinado membro se faz necessário o uso de exames complementares. Estes, apesar de não substituírem o exame clínico, são importantes para avaliar a extensão das alterações, o comprometimento das estruturas adjacentes, acompanhar a

evolução clínica do paciente e averiguar a efetividade do tratamento instituído, além de contribuir para determinar o prognóstico do paciente, sendo fundamental a utilização na rotina clínica (SANTOS, 2012).

O diagnóstico diferencial utilizando radiografia para avaliação da ferida foi de extrema importância para identificação da causa da formação de tecido exuberante e secreção constante. Quando o corpo estranho não está visível, os sinais clínicos típicos são aumento de volume local, ferida que não cicatriza, presença de fistula, e claudicação, conforme descrito por Farr *et al.* (2010). Cavalos com corpo estranho frequentemente apresentam fistula permanente que não cicatriza, embora alguns corpos estranhos superficiais possam ser expelidos pelo organismo, a maioria requer a remoção cirúrgica (CARVALHO *et al.*, 2015), como foi realizado nesse relato.

4. CONCLUSÕES

A presença de corpo estranho no membro de um equino se apresenta como um caso inusitado. Salienta-se a necessidade de métodos específicos de diagnóstico, para definição do tratamento e cura da lesão.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, A.M et al., Corpo estranho metálico na falange proximal de cavalo pantaneiro - Relato de caso. **Revista Brasileira de Higiene e Sanidade Animal**, v.9, n.2, 273-277. 2015.

FARR, A.C.; HAWKINS, J.F.; BAIRD, D.K.; MOORE, G.E. Wooden, metallic, hair, bone, and plant foreign bodies in horses: 37 cases (1990-2005). **Journal of American Veterinary Medical Association**, v.237, p.1173-1179, 2010.

HENNEKE D.R., POTTER G.D., KRIEDER J.L. & YEATES B.F. Relationship between condition score, physical measurements and body fat percentage in mares. **Equine Veterinary Journal**, v.5, p.371-372. 1983.

HUSSINI, C.A.; GIANINI, C.G.; ALVES, A.L.G.; NICOLETTI, L.M., THOMASSIAN, A.; CROCCI, A.J.; SEQUEIRA, J.L.. Cicatrização cutânea por segunda intenção em eqüinos tratados com Vedaprofeno. **Archives of Veterinary Science, Botucatu**, v.9, p.87-92, 2004.

JAMES, G.A.; SWOGGER, E.; WOLCOTT, R.; PULCINI, E.; SECOR, P.; SESTRICH, J.; COSTERTON, J.W.; STEWART, P.S. Biofilms in chronic wounds. **Wound repair and regeneration**, v. 16, p.37-44, 2008.

NETO J.C.L. **Considerações sobre a cicatrização e o tratamento de feridas cutâneas em equinos.** 2003. Disponível em: <http://www.merial.com.br/veterinarios/equininos/biblioteca/>

OLIVEIRA, C.E.F. **Afecções locomotoras traumáticas em eqüinos (Equus caballus, LINNAEUS, 1758) de vaquejada atendidos no Hospital Veterinário /UFCG, Patos – PB.** 2008. Monografia - Universidade Federal de Campina Grande.

PAGANELLA, J.C.; RIBAS, L.M.; SANTOS, C.A.; FEIJÓ, L.S.; NOGUEIRA, C.E.W.; FERNANDES, C.G. Abordagem clínica de feridas cutâneas em equinos. **Revista Portuguesa de Ciências Veterinárias.** 104 (v 569-572) 13-18, 2009.

RIBAS, L.M.; NOGUEIRA, C.E.W.; BEIRA, F.T.A.; ALBIQUERQUE, L.P.A.N.; KICKHOFEL IA. Efeito cicatrizante do extrato aquoso de *Triticum vulgare* em feridas do tecido cutâneo de equinos. **A Hora Veterinária**, Ano 25, v.147, 2005.

SANTOS, R.V.; MACHADO, V.M.V.; EVANGELISTAS, F.C.; GONÇALVES, R.C.; VILCANO L.C. Diagnóstico por imagem na avaliação do sistema respiratório de equinos. **Veterinária e Zootecnia**. V.19, p.023-032, 2012.